

Formação de sintomas: Freud e teorias cognitivistas, proximidades e afastamentos

VICTOR CLAUDIO (*)

*Não sei de nada mais eterno
do que haver sempre uma só coisa
e ela ser muitas e diferentes
e cada coisa ternamente ocupar
só o espaço que pode rodeada
pelo espaço que a pode rodear.*

Natália Correia

1. INTRODUÇÃO

O objectivo a que nos propomos neste trabalho, é o de procurar alguns pontos de contacto entre a perspectiva preconizada por Freud (1895), no «Projecto de Psicologia Científica» e a perspectiva cognitiva, no que concerne à formação de sintomas.

Não pretendemos uma abordagem conclusiva mas sim, uma indicação de pistas, que permitam questionar e discutir, mais do que fornecer respostas acabadas.

A metodologia que utilizamos, centralizan-

do-nos na perspectiva de Freud e traçando paralelismos com as posições cognitivas, é uma das várias possíveis.

Referimos a importância das duas funções neuronais, no equilíbrio entre excitação e o esforço ou dos mecanismos de retroacção, na manutenção de níveis baixos de excitação e consequentemente no evitamento do «stress». Fazemos também referência ao processamento de informação, e à necessidade de se estabelecer uma relação entre os conceitos físico e psicológico.

Abordamos os afectos, aludindo à divisão preconizada por Freud, entre afectos de origem fisiológica e psicológica e à relação destes, com as ideias incompatíveis. Focamos também a semelhança entre a teoria dos dois factores, preconizada por Schachter (1964), e a posição de Freud sobre a necessidade de a excitação se associar à ideia, para se vivenciar como afecto.

Salientamos a importância da ab-reacção na libertação do sujeito dos afectos de origem psíquica. Comparamos a ab-reacção, com a teoria de Dependência Conceptual elaborada por Schank (1975) e, com a teoria da Estrutura do Conhecimento preconizada por Schank e Abelson (1977). Salientamos também, o facto de a quantidade de excitação modelar a qualidade do afecto, como defendia Freud.

(*) Instituto Superior de Psicologia Aplicada. Bolseiro PRAXIS XXI.

No que concerne ao objectivo nuclear deste trabalho, a formação de sintomas, comparamos o processo primário com o processo afectivo, mostrando a influência deste no pensamento. Referimo-nos aos mecanismos do processo primário – alucinação, projecção, compulsão e recalamento –, e o seu papel na formação de sintomas. Traçamos um paralelismo entre a importância das recordações, na perspectiva de Freud e, a inibição do acesso à informação, numa perspectiva cognitiva. Por fim, abordamos a neurose de angústia, através do mecanismo de transformação do afecto, comparando esta ideia de Freud com a teoria da atribuição de afectos e com a teoria de Lazarus (1990).

2. DESCARGA DE QUANTIDADE DE EXCITAÇÃO E PROCESSAMENTO DE INFORMAÇÃO

Na abordagem da formação de sintomas, numa dupla perspectiva – psicanalítica e cognitiva – e salientando as complementaridades, pensamos ser importante, referir, embora de forma obrigatoriamente sucinta, as duas perspectivas na explicitação das reacções internas do sujeito, desencadeadas por um estímulo.

Freud (1895), no «Projecto de Psicologia Científica», preconiza o princípio da inércia neuronal, segundo o qual os neurónios tenderiam a descarregar a quantidade de excitação, através de um determinado esforço. Esta descarga, podia ocorrer através da função neuronal primária. Assim, as quantidades de excitação seriam descarregadas para os mecanismos musculares, o que permitiria libertar o organismo dos estímulos. A fuga aos estímulos, estaria a cargo de uma função neuronal secundária, responsável pela manutenção dos métodos de descarga da quantidade de excitação mais adequados, i.e., que permitem manter a relação entre essa quantidade e o esforço necessário à sua cessação.

Perante os estímulos endógenos, a descarga só é possível através de acções no mundo exterior. Para a execução destas, é necessário um esforço superior às quantidades de excitação, isto origina uma quebra da inércia neuronal desencadeando o «stress». É então que, perante a impossibilidade de fuga a estes estímulos, o organismo tenta manter as quantidades de excitação nos níveis

mais baixos, com o objectivo de evitar o seu aumento e consequente «stress». Para Freud, «Todas as funções do sistema neuronal, devem ser submetidas ao conceito da função primária ou à função secundária, imposta pelo “stress”». ¹

Fizemos referência a vários factores, como operações químicas endógenas, movimentos do organismo e exigências externas. Para Freud, o sistema psíquico possui múltiplos circuitos alternativos, que permitem realizar conexões associativas entre esses factores. Estes circuitos alternativos, vão ser desenvolvidos selectivamente, através das influências de dois mecanismos de retroacção:

- Mecanismo atencional, que regula as respostas às exigências externas.
- Mecanismo pulsional, que regula as respostas às operações químicas endógenas.

Quando estes circuitos alternativos são activados, formam-se as estruturas de evocação-motivação.

Através do mecanismo de inibição, que controla também o mecanismo das pulsões, é possível evitar grandes descargas de quantidade de excitação nos circuitos activados, i.e., nas estruturas de evocação-motivação. Quando este mecanismo de inibição não funciona, estas estruturas surgem de forma manifesta, originando um desequilíbrio entre os estímulos internos e externos, i.e., o aparelho psíquico não consegue realizar a elaboração psíquica, e consequentemente fica impossibilitado de integrar as quantidades de excitação e de estabelecer entre elas conexões associativas. É este não funcionamento do mecanismo de inibição, que está na base dos processos observados no sonho e na psicopatologia.

Vamos agora fazer referência ao processamento de informação. Quando falamos em processamento de informação, não nos podemos reduzir apenas a um mero processo de transmissão de estados físicos, mas sim considerando-o como composto por uma série de factores, em que podemos realçar aqueles que se relacionam com o

¹ S. Freud (1895). Projecto de Psicologia Científica. In *Obras Completas*, 4.^a ed. (pp. 209-276). Madrid: Editorial biblioteca nueva, 1981.

objectivo e o significado da mensagem, i.e., o pragmatismo, a sintaxe e a semântica.

A metáfora do computador, que remete para um paralelismo do processamento de informação no sujeito humano, tende cada vez mais a ser abandonado pela psicologia cognitiva. Contudo, é interessante verificarmos que através de afirmações relacionadas e indicação de determinadas condições físicas, para a realização de uma operação de computação, podemos encontrar algum paralelismo entre esta e o processo cognitivo.

C. Wegman (1985), afirma que um programa de computador, é assim «reduzível empiricamente a uma descrição em termos de operações máquina»². Seguindo este raciocínio, – embora sem perdermos de vista o facto de as representações cognitivas, que controlam as acções de computação, terem sido colocadas no sistema por uma entidade exterior a este, o que leva a que, por exemplo, a meta e os significados sejam da responsabilidade de um agente exterior –, poderíamos reduzir os processos mentais humanos, a uma ocorrência causal no sistema nervoso, de um processo físico-químico.

Uma abordagem superficial desta posição, pode levar a um reducionismo psicológico pelo físico, i.e., a afirmação psicológica através de um sobrerrelacionamento, é transformada em afirmação física, perdendo assim razão de existência. Contudo, as afirmações de ligação, podem fornecer-nos a correspondência entre os conceitos físicos e psicológicos, sem que ocorra a secundarização destes. Este facto, leva a que C. Wegman (1985) defenda uma dupla abordagem. Por um lado a psicológica, com o objectivo de encontrar modelos mais perfeitos de pensamento, desejos e decisões, por outro lado a neuro-fisiológica, no que respeita as conexões que se operam no S.N.C., entre processos intencionais e causais. Nesta linha, o processamento de informação relaciona os factores que superintendem o comportamento, i.e., planos, intenções e esquemas.

3. AFECTO

O afecto, está relacionado com modificações físicas, sensação às respostas físicas, comportamentos, pensamento e processos de inferência.

Laplanche e Pontalis (1967) definem o afecto como a expressão de «qualquer estado afectivo, penoso ou agradável, vago ou qualificado, quer se apresente sob a forma de uma descarga maciça, quer como tonalidade geral».³

Segundo Freud, toda a pulsão se exprime nos dois registos do afecto e da representação – «O afecto é a expressão qualitativa da quantidade de energia pulsional e das suas variações.» –.⁴

Freud, procura fazer a distinção entre a origem fisiológica e psicológica do afecto. Assim, os afectos de origem fisiológica, seriam resultado da excitação desencadeada pelas necessidades primárias do organismo. Essa excitação vai activar cognições, que a classificam como afecto. A classificação é feita com base em referentes anteriores. Nos afectos de origem psicológica, devido às ideias incompatíveis, é desencadeado um processo de excitação endógena, originando por sua vez uma condição de excitação que através do referente de ideias actuais, se transforma em afecto.

Pensamos ser pertinente definir estas ideias. A incompatibilidade das ideias, é função do antagonismo entre ideias que o sujeito quer reter e outras que advêm de uma acção ou situação. A esta incompatibilidade de ideias, estaria associado o momento traumático, i.e., desencadeariam um grande aumento de excitação endógena, que o sujeito não consegue controlar. A esta elevada excitação estaria relacionado o desprazer, enquanto que a uma baixa excitação – como vimos atrás, mantida em níveis suportáveis – estaria associado o prazer. Freud considera, que as ideias mais um nível elevado de excitação, levam a um sistema de excitação. Assim, a activação de uma ideia desencadeia o sistema de excitação, que seria avaliado como afecto. Posterior-

² C. Wegman (1985). *Psychoanalysis and Cognitive Psychology*. USA: Academic Press.

³ J. Laplanche, & J.-B. Pontalis (1970). *Vocabulário da Psicanálise*. 5.ª ed. Lisboa: Moraes.

⁴ S. Freud (1895). Projecto de Psicologia Científica. In *Obras Completas*, 4.ª ed. (pp. 209-276). Madrid: Editorial biblioteca nueva, 1981.

mente referir-nos-emos de novo às ideias incompatíveis.

Do que fica dito, podemos concluir que independentemente da origem do afecto, este apenas é possível quando surge a condição de excitação e as ideias. Só na presença de estes dois factores e com o objectivo de os avaliar como afecto, é possível accionar o processo cognitivo.

É interessante salientar a semelhança entre a posição de Freud, e a teoria dos dois factores da emoção de Schachter (1966). Esta teoria, insere-se nas teorias cognitivas da emoção. Para estas, só depois de o estímulo ser processado, i.e., focalizado pela atenção, reconhecido, classificado e relacionado com o material existente na memória de evocação, é que é avaliado, podendo desencadear uma resposta emocional. Nesta linha, Schachter preconiza que a experiência da emoção depende da forma como a excitação periférica é percebida, e do nível que ela atinge. Considera que, não existe uma excitação fisiológica particular para cada emoção – sublinhamos que na sua perspectiva estas são, a cólera, a tristeza, a felicidade, o medo e a repulsa –, dependendo estas do tipo de avaliação cognitiva. Nesta avaliação, tem um papel importante a atribuição feita ao estímulo e a evocação de respostas emocionais apropriadas.

Para Schachter a experiência de emoção, apenas pode ocorrer quando a excitação encontra um contexto aceitável, i.e., uma ideia.

Esta teoria é criticável a vários níveis.

Se consideramos a existência de dois sistemas cognitivos, um que tem a ver com o processamento automático da informação, consequentemente não ligado à consciência e à vontade e outro, relacionado com a experiência consciente, como seria possível, na perspectiva de Schachter, a existência do primeiro?

Um processamento automático do afecto, estaria relacionado com um processo cognitivo pré-consciente. Assim, a resposta afectiva imediata estaria relacionada com a cognição pré-consciente, a eventual modificação posterior dessa resposta e o estado emocional estariam relacionados com uma avaliação consciente.

Apoiando-se nestes pressupostos, Leventhal (1984) relaciona as respostas emocionais, com três níveis existentes no S.N.C.:

- Nível Básico, que permite respostas expressivo motoras a situações bem definidas.
- Sistema de Processamento Automático, que permite criar:
 1. Material mnemónico na memória de evocação.
 2. Relações entre os estímulos e as respostas emocionais, autonómicas e instrumentais.
 3. Redes associativas, sem intervenção da consciência, que permitem avaliações automáticas posteriores.
- Nível Consciente de processamento da informação relacionada com a experiência emocional. É este nível mais elaborado, que permite as modificações de respostas emocionais, no sentido de se encontrar as mais adequadas.

4. RELAÇÃO ENTRE AB-REACÇÃO, TEORIA DA DEPENDÊNCIA CONCEPTUAL E TEORIA DA ESTRUTURA DO CONHECIMENTO

Freud preconiza a ab-reacção, como a forma de o sujeito se libertar dos afectos.

Segundo Laplanche e Pontalis (1967), a Ab-reacção é a «Descarga emocional pela qual o indivíduo se liberta do afecto ligado à recordação de um acontecimento traumático, permitindo-lhe assim não se tornar ou não continuar patogénico.»⁵

A Ab-reacção incide sobre os afectos de origem psíquica, i.e., aqueles que resultam das ideias incompatíveis. As ideias perdem o seu efeito de produzir excitação pela ab-reacção, i.e., sendo repetidamente trazidas à consciência e descarregadas através de respostas autonómicas e motoras apropriadas, é reduzida a quantidade de excitação resultante. A Ab-reacção seria assim, considerada como um processo de habituação.

Para C. Wegman (1985), a relação estabelecida por Freud, entre a quantidade de excitação e

⁵ J. Laplanche, & J.-B. Pontalis (1970). *Vocabulário da Psicanálise*. 5.^a ed.. Lisboa: Moraes.

o afecto, serve apenas para graduar a intensidade da experiência de afecto, e não para modelar a sua qualidade. Esta posição será mais compreensível, se fizermos uma leitura da ab-reação à luz da teoria da dependência conceptual, elaborada por Schank (1975), e da teoria da estrutura do conhecimento, de Schank e Abelson (1977). Referiremos esquematicamente estas teorias.

Para a teoria da dependência conceptual, a representação de um significado é composta por conceitos e representação de conceitos.

São consideradas quatro categorias conceptuais:

- Nominais, que produzem um desenho mental de um objecto físico.
- Acções, que consideram a acção dos desenhos mentais.
- Modificadores, que definem atributos dos desenhos mentais e das acções.
- Dependência, que estabelece a relação entre as categorias.

Considera ainda, três tipos de conceptualização:

- Representação de acontecimentos.
- Estados.
- Modificação de estados.

Os conceitos de *scrip*, *plano* e *meta*, ocupam um lugar nuclear na teoria de Schank e Abelson (1977). O plano engloba uma série de acções que têm como objectivo, atingir uma determinada meta a que o sujeito se propõe. Quando estas acções tem lugar perante situações que se repetem, i.e., quando os acontecimentos têm uma ocorrência determinada, o sujeito forma uma estrutura cognitiva da sequência desses acontecimentos – *script* –.

As *metas* que o sujeito se propõe atingir podem ser várias. Metas de satisfação, de prazer, de realização, de preservação, de crise, instrumental, entre outras.

Podemos encontrar um paralelismo, entre a finalidade última subjacente a estas metas e os princípios da actividade neuronal, descritos por Freud, i.e., a tentativa de descarregar a quantidade de excitação do estímulo, e quando isto não se torna possível, a tentativa de manter em níveis baixos essa excitação, encontrando um

ponto de equilíbrio entre a excitação provocada pelo estímulo e o esforço necessário.

As teorias que descrevemos, além de permitirem uma representação conceptual do acontecimento, atendendo à temporalidade da ocorrência, consideram o significado que é dado pelo sujeito, na comparação da ocorrência, com os seus planos e metas. Nestas perspectivas, a noção de ideias incompatíveis poderia ser interpretada, como ligada a um acontecimento que impediu ou interrompeu uma meta estabelecida pelo sujeito. Este impedimento, poderia ser causado por uma situação de conflito de metas, como designa Wilensky (1983), i.e., a existência concomitante de metas antagónicas. Chamamos a atenção para a semelhança desta situação, com o conceito de conflito, referido por Freud e nuclear na sua teoria.

Podemos concluir, que atendendo ao significado atribuído pelo sujeito a essas ideias e à sua ocorrência temporal definida, seria possível representar os acontecimentos traumáticos descritos por Freud, como refere C. Wegman «em entidades conceptuais com uma estrutura definida, que podem ser processadas de acordo com regras explícitas»⁶

Nesta leitura das ideias incompatíveis, a elevada excitação que as acompanha seria devida à interrupção de um plano que visa uma meta importante para o sujeito. Freud considera a elevada excitação como responsável pelo desprazer.

Contudo, e contrariando a posição de Freud, a realização continuada de uma meta é também acompanhada de uma elevada excitação, embora experienciada como prazer. O desprazer tem lugar, apenas quando a excitação é desencadeada pela interrupção. Assim, pensamos que o afecto de prazer ou desprazer, depende mais da forma como a excitação surge, do que da sua quantidade.

5. FORMAÇÃO DE SINTOMAS

Neste ponto focaremos o papel dos afectos so-

⁶ C. Wegman (1985). *Psychoanalysis and Cognitive Psychology*. USA: Academic Press.

bre o pensamento e consequentemente, na formação de sintomas.

Para uma melhor compreensão do que se segue, pensamos ser relevante definir primeiro as noções de processos primário e secundário, i.e., o que Freud considerou serem as duas formas de funcionamento do aparelho psíquico. Estes diferem dos processos primário e secundário realizados pelo organismo e atrás descritos.

Assim, para Laplanche e Pontalis (1967) «do ponto de vista económico-dinâmico, no caso do processo primário, a energia psíquica escoar-se livremente, passando sem barreiras de uma representação para outra segundo os mecanismos de deslocamento e de condensação; tende a reinvestir plenamente as representações ligadas às vivências de satisfação constitutivas do desejo (alucinação primitiva). No caso do processo secundário, a energia começa por estar «ligada» antes de se escoar de forma controlada; as representações são investidas de uma maneira mais estável, a satisfação é adiada permitindo assim, experiências mentais que põem à prova os diferentes caminhos possíveis de satisfação.»⁷

5.1. *Processo Afectivo e Processo Primário*

Para Freud, o desencadeamento de grandes quantidades de afecto, inibe de duas formas o curso normal do pensamento. Por um lado, leva ao esquecimento de várias vias de pensamento, por outro, leva a escolher vias para a descarga que noutras condições seriam evitadas. Freud compara assim, o processo afectivo ao processo primário não inibido.

Se no caso da emergência do processo primário, o aparelho psíquico fica impossibilitado de registar a representação do mundo exterior, e de manipular essas representações de forma a experienciar a acção nesse mundo, já que se desencadeia uma confusão entre a representação interior que o sujeito tem do mundo exterior, com a presença real do objecto neste, i.e., a *alucinação*. A inibição deste, pelo processo secundário, tem como objectivo evitar a *alucinação*, i.e., limitar a

quantidade de investimento do desejo. Esta será a resposta à necessidade do sujeito de destringir entre a imagem e a percepção, que segundo Freud, seria possível através da percepção – origem externa – e do prazer/desprazer – origem interna (mnésica).

No caso do desencadeamento afectivo, é a ideia que o originou que vai ser intensificada. Nesta situação, é o «Eu» investido que tem como função evitar o desencadear de novos processos afectivos e reduzir os anteriores. Esta função, é realizada através da descarga por vias colaterais pré-facilitadas, de quantidades de excitação – oriundas da percepção – juntamente com recordações. Isto permite reduzir o desprazer para níveis baixos, permitindo que qualquer aumento seja detectado pelo «Eu», accionando este as defesas normais. Contudo, esta possibilidade de descarga por vias colaterais, é limitada. Assim, um grande aumento do desprazer implica uma dupla dificuldade:

Por um lado, a do trabalho cognitivo do «Eu», realizado através da experienciação hipotética de acções no exterior, por outro, não dá tempo a que o «Eu» represente o mundo externo.

É através do mecanismo atencional, já anteriormente referido, que o «Eu» vai tentar controlar os factores geradores de desprazer, nomeadamente as percepções, já que estas representam as exigências externas. Como também já referimos, é este mecanismo atencional, que juntamente com o mecanismo pulsional, forma o mecanismo de retroacção. Este é responsável pelo desenvolvimento das vias colaterais, formando estas por sua vez, quando activadas, as estruturas de evocação-motivação. É a acção conjunta de um mecanismo inibidor de estruturas associativas do desejo, e de um mecanismo facilitador das descargas por vias colaterais, ambos ao serviço do «Eu», que permite – através da passagem das activações, para a percepção e a acção voluntária – evitar a *alucinação* do desejo e o movimento impulsivo, originados por descargas massivas. Assim, podemos dizer, que estes mecanismos permitem um processamento cognitivo da informação.

Paralelamente aos dois mecanismos de retroacção, podemos distinguir dois tipos de processo primário:

- Alucinação e Projecção, relacionados com a atenção e a experiência da realidade.

⁷ J. Laplanche, & J.-B. Pontalis (1970). *Vocabulário da Psicanálise*. 5.^a ed. Lisboa: Moraes.

- Compulsão e Recalcamento, relacionados com a pulsão e a inibição desta.

5.2. A Importância dos Mecanismos do Processo Primário, na Formação de Sintomas

Pensamos, ser pertinente referir mais detalhadamente, estes mecanismos. Já afirmamos, que a ocorrência da *alucinação* é considerada como uma falha do aparelho psíquico. Esta, vai também desencadear o mecanismo de projecção, já que, é mais fácil para o organismo fugir a estímulos externos do que a estímulos endógenos. Assim, vai colocar no exterior os seus sentimentos, i.e., atribuí-los a outros.

Para Freud, a *compulsão* é patológica quando, como no caso da histeria, actua devido a ideias hiperintensas, i.e., ideias, representações ou pensamentos sobrevalorizados. Estas ideias são definidas como acessórias, que se juntaram a uma ideia central, substituindo-a, i.e., simbolizando-a. A ideia acessória – compulsiva – vai substituir completamente a ideia nuclear – recalcada. Assim, quando aquela ideia surge, desencadeia reacções incompreensíveis, já que desadequadas.

Segundo Freud, a cada *compulsão* corresponde um *recalcamento*. Este facto implica que, quando surge uma quantidade de excitação mais elevada – *compulsão* – se retire alguma dessa quantidade – *recalcamento* –, permitindo assim manter um estado de equilíbrio, i.e., normal.

No caso da patologia, à ideia acessória junta-se uma quantidade de excitação que foi retirada à ideia nuclear. Seria este *deslocamento* de quantidade de excitação, que estaria também presente no sonho.

Freud, considera o *deslocamento* como um dos processos compulsivos primário. Estes processos seriam utilizados, quando à *compulsão* e ao *recalcamento* não fosse possível evitar uma grande quantidade de desprazer, como seria o caso das recordações mais dolorosas, em que a *simbolização* e o *recalcamento* não são possíveis.

Nesta linha, na génese da *compulsão* histórica estaria o *recalcamento* sobre as ideias sexuais, que transportam um afecto penoso para o «Eu». Esta ideia recalcada, embora seja um traço mnésico, apresenta grandes resistências à elaboração cognitiva, devido às características do seu inves-

timento. A quantidade de excitação que se juntou à ideia compulsiva, não permite o trabalho cognitivo sobre a ideia nuclear. Assim, quando a ideia é evocada, o que surge é a simbolização. Contudo, como já foi referido, o que desencadeia maior desprazer não pode ser recalcado e simbolizado. Este facto, leva a que Freud tenha que introduzir outro factor, para explicar a elaboração das defesas históricas, a sexualidade.

A importância da sexualidade é explicada da seguinte forma:

Ao contrário do que é comum na vida psíquica – recordações desencadeiam afectos que acompanhavam o acontecimento quando foi vivenciado – as ideias sexuais, devido ao seu desenvolvimento mais tardio, na puberdade, desencadeiam afectos diferentes. Isto porque o material mnemónico relacionado com a sexualidade, só é compreendido na adolescência. Neste caso, o factor desencadeante de desprazer não é uma percepção do exterior, mas sim material da memória, o que não permite ser controlado pelo mecanismo atencional, desencadeando-se assim o processo primário.

Freud, refere que quando recordações recentes – que ocorreram com o «Eu» formado – causam desprazer, é possível os investimentos por vias colaterais, o que possibilita que cada vez que a recordação ocorra vá perdendo intensidade, até à sua extinção.

Na histeria, o que ocorre, é que a recordação que causa desprazer – sexual – é anterior à formação do «Eu», não sendo por isso possível a utilização dos mecanismos inibitórios.

Podemos considerar, como Pribram (1970), que a formação de sintomas, tendo como base os mecanismos accionados pelo processo primário, implicam interrelações entre este processo e o secundário, que levam a que as funções executivas do «Eu» actuem apenas numa estrutura de evocação-motivação, deixando de lado outras do mesmo tipo.

5.3. Evocação de Informação, numa Perspectiva Cognitiva

Referimos a importância das evocações de material mnésico e consequente afecto que desencadeiam na formação de sintomas, num ponto de vista psicanalítico. Continuando na nossa perspectiva comparativa, vamos agora

abordar a relação entre o afecto e a evocação da informação, numa perspectiva cognitiva.

Com o objectivo de explicar o esquecimento, Bjork (1978) fala de um mecanismo de desaparecimento, Geiselman e col. (1980) referem um mecanismo de inibição da evocação de informação.

Bjork (1989), alerta para a importância de diferenciar o conceito de inibição da evocação de informação, do conceito de recalçamento definido por Freud. Este seria um mecanismo de defesa, como tal não consciente, enquanto que na inibição da evocação de informação há uma intenção consciente de supressão ou de bloqueamento da informação.

A inibição da evocação de informação, pode ser definida como um processo de supressão ou bloqueamento dirigido à informação, já presente na memória. Este processo tem um objectivo adaptativo, já que permite disponibilizar a memória para a aquisição de nova informação, i.e., permite esquecer aquilo que não é actualmente necessário para adquirir o que é pertinente.

Podemos considerar o conceito de inibição da evocação da informação em dois sentidos:

- Como Bloqueamento. Neste caso, a inibição estaria relacionada com o facto de quando o sujeito activa determinados itens da memória, outros pertencentes à mesma categoria, terem o acesso bloqueado.
- Como Supressão. É neste sentido que o conceito revela de forma mais explícita as suas características adaptativas. Já que, a supressão da informação, tem como objectivo evitar a interferência de material mnemónico mais antigo, nas novas aquisições de informação ou evitar recordações dolorosas para o sujeito. Estas recordações, quando não inibidas, originam um processo similar ao descrito por Freud, i.e., desencadeiam uma quantidade de afecto dificilmente suportável pelo sujeito. O processo de supressão actua directamente sobre a informação a inibir.

Outro aspecto importante na evocação de informação, é o estado de humor.

Eich e Metcalfe (1989), preconizam que a capacidade de acesso e evocação da informação na memória, está relacionado com o estado de humor com que essa informação foi codificada e é evocada. Assim, se existir diferença nos tipos

de estados de humor, entre a codificação e a evocação da informação, a dificuldade desta se realizar é maior.

Podemos distinguir dois efeitos do estado de humor sobre a memória:

- A Dependência do Humor, em que a evocação de acontecimentos, independentemente da atribuição afectiva feita pelo sujeito, é tanto melhor quando realizada com o mesmo estado de humor com que foram codificados.
- A Congruência do Humor, indica-nos que se existir uma similaridade entre o conteúdo afectivo que o sujeito atribui ao acontecimento, e o estado de humor no momento da codificação ou evocação, estes são facilitados.

Trabalhos de Eich e Metcalfe (1989), indicam que a evocação de acontecimentos internos, i.e., construídos pelo sujeito, estão mais dependentes das alterações do estado de humor, do que acontecimentos externos. Realçam também o facto, de que as alterações da memória são mais notórias, quando o estado de humor sofre modificações radicais, por exemplo alegria-tristeza.

Nas patologias existe, uma desinibição no processo de evocação da informação. Este facto impede as funções adaptativas que descrevemos. Podemos comparar este efeito ao que surge quando falha a função de controlo exercida pelo mecanismo atencional, anteriormente referido.

5.4. *Neurose de Angústia*

Freud (1894), distingue três mecanismos, que agem sobre o afecto, como responsáveis pela formação de sintomas. São estes:

- A modificação do afecto, na histeria de conversão.
- O deslocamento do afecto, na neurose obsessiva.
- A transformação do afecto, na neurose de angústia e na melancolia.

Já nos referimos aos dois primeiros. Abordaremos agora a transformação do afecto e consequentemente a neurose de angústia.

Freud (1894), relaciona a angústia com a vida sexual. Considera, que o medo é desencadeado por uma grande quantidade de excitação sexual. A impossibilidade de esta excitação se transfor-

mar em afecto sexual, levaria a uma descarga por vias subcorticais. Os efeitos dessa descarga da quantidade de excitação, seriam idênticos aos da angústia – taquicardias, palpitações, dispneia, sudção etc. –, i.e., sintomas somáticos. Estas manifestações fisiológicas da angústia, são para Freud semelhantes às do coito. A angústia, seria a manifestação de uma incapacidade de resposta a uma ameaça exterior. A neurose de angústia, seria a manifestação da incapacidade de descarregar a elevada quantidade de excitação sexual de origem endógena. Assim, na base desta neurose estaria a reacção física inadequada, com que é descarregada a excitação física. Esta elevada excitação transforma-se directamente em sintoma.

Para C. Wegman (1985), Freud utilizou na teoria da neurose de angústia, uma teoria de atribuição dos afectos:

- Um determinado afecto, relacionado com as ideias, vai ser atribuído a uma excitação física sexual. Assim, para esta excitação desencadear um afecto sexual, é necessário uma ideia sexual. Na ausência desta ideia, a excitação sexual física não é avaliada como afecto sexual, impedindo assim uma resposta adequada para fazer baixar o nível de excitação sexual, i.e., a excitação mantém-se elevada. A descarga pode fazer-se por intermédio de um trabalho cognitivo ou por uma reacção automática, que origina os sintomas físicos. O desencadear de angústia relaciona-se com o tipo de cognição.

De novo se encontram semelhanças, entre esta posição de Freud e a teoria de Schachter – anteriormente referida –. Ambos preconizam a necessidade da ideia se juntar à excitação para formar o afecto. Contudo, Freud restringe-se à excitação sexual, o que nos parece algo reduccionista.

Pensamos ser interessante referir a teoria de Lazarus (1990), que centrando-se na avaliação cognitiva, nos parece clarificar-se à luz das ideias de Freud.

Para esta teoria, a avaliação cognitiva, operando em diferentes processos relacionados, permite ao sujeito a resposta ao estímulo. Preconiza a existência de duas avaliações cognitivas.

- Uma avaliação primária do estímulo, de que resulta uma classificação de Irrelevante, Benigno ou Gerador de «Stress».

Neste último caso, pode ser avaliado como:

Relacionado com danos/ofensas anteriores.

Relacionado com a antecipação de danos, i.e., ameaça.

Relacionado com domínio.

- Uma avaliação secundária, que incide sobre os recursos do sujeito e do meio, necessários para lidar com o estímulo.

Estes dois processos sofrem constantes reavaliações, devido aos êxitos ou fracassos dos esforços de adaptação, e à acção dos estímulos no sujeito.

Para Lazarus, quando um estímulo é avaliado como prejudicial ou ameaçador, e a avaliação das capacidades de adaptação são insuficientes ou inadequadas, i.e., quando se rompe o equilíbrio, surge uma experiência emocional com tonalidade negativa.

Como podemos observar, existe um factor comum às teorias cognitivas e a posição de Freud: A formação de sintomas é uma resposta, à impossibilidade de manutenção do equilíbrio entre, o nível de excitação e o esforço necessário para a sua descarga ou manutenção em níveis baixos.

6. CONCLUSÃO

Ao longo deste artigo, fomos enunciando as linhas de contacto e de afastamento entre as duas perspectivas que referimos, com o objectivo de levantar algumas questões.

Esperamos ter conseguido contribuir com alguma matéria, que proporcione interrogações e discussão.

Contudo, pensamos que não é de mais sublinhar a importância de uma abordagem conjunta, já que como observamos, o resultado é um enriquecimento mútuo, através da clarificação de vários conceitos.

Embora, e já o referimos, a elaboração de Freud seja algo reduccionista na hipervalorização do afecto sexual, em detrimento de outro tipo de afectos, podemos considerá-la como perscrutadora das teorias cognitivas.

Quando Freud preconiza, que as ideias na patologia se caracterizam pela incompreensibilidade, incongruência e não possibilidade de ser clarificada através de qualquer processo de pensamento, contrapondo as ideias no normal como

compreensíveis, congruentes e passíveis de clarificação, está a introduzir o aspecto de compreensão como nuclear para a resolução da patologia. É também, esta a posição das teorias cognitivas.

Assim, pensamos que o trabalho mais proveitoso, será aquele que se realize numa zona de fronteira, entre a psicanálise e a teoria cognitiva, do ponto de vista da compreensão da formação do sintoma.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Brewin, C. (1990). *Cognitive foundations of clinical psychology*. Londres: Lawrence Erlbaum Associates.
- Bjork, R. A. (1989). Retrieval inhibition as an adaptive mechanism in human memory. In H. L. Roediger III, & F. L. M. Craick (Eds.), *Varieties of memory and consciousness: Essay in memory of Endel Tulving*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates Inc.
- Bjork, R. A., & Geiselman, R. E. (1978). Constituent processes in the differentiation of items in memory. *Journal of Experimental Psychology: Human Learning and Memory*, 4, 347-361.
- Claudio, V. (1990). *O processo de esquecimento na depressão*. Comunicação apresentada no II Colóquio de Psicologia Clínica, ISPA.
- Eich, J. E., & Metcalfe, J. (1989). Mood-dependent memory for internal versus external events. *Journal of Experimental Psychology: Learning, Memory and Cognition*, 15, 443-455.
- Freud, S. (1895). Projecto de psicologia científica. In *Obras Completas de Freud*, 4.ª ed, (pp. 209-276). Madrid: Editorial biblioteca nueva, 1981.
- Geiselman, R. E., Bjork, R. A. (1980). Primary versus secondary rehearsal in imagined voices: Differential effects on recognition. *Cognitive Psychology*, 12, 188-205.
- Horowitz, M. (1988). Psychodynamic phenomena and their explanation. In M. Horowitz (Ed.), *Psychodynamic and cognition* (pp. 3-20). Chicago: University of Chicago Press.
- Laplanche, J., & Pontalis, J.-B. (1970). *Vocabulário da Psicanálise*. 5.ª ed. Lisboa: Moraes.
- Lazarus, R. S. (1990). *Emotion and adaptation*. New York: University Press.
- Leventhal, H. (1984). A perceptual motor theory of emotion. In K. R. Scherer, & P. Eilman (Eds.), *Approaches to emotion* (pp. 271-289). New York: Erlbaum.
- Luborsky, L. (1988). Recurrent momentary forgetting: its context and its context. In M. Horowitz (Ed.), *Psychodynamic and cognition* (pp. 223-251). Chicago: University of Chicago Press.
- Pribram, K., & Gill, M. (1976). «*Projet de psychologie scientifique*» de Freud: un nouveau regard. Paris: PUF.
- Schachter, S. (1966). The interaction of cognitive and physiological determinants of emotional state. In C. D. Spielberger (Ed.), *Anxiety and behaviour* (pp. 193-224). New York: Academic Press.
- Sckank, R. C. (1975). *Conceptual information processing*. New York: Elsevier.
- Sckank, R. C., & Abelson, R. P. (1977). *Scripts, plans, goals and understanding*. New York: LEA.
- Wegman, C. (1985). *Psychoanalysis and cognitive psychology*. USA: Academic Press.
- Wilensky, R. (1983). *Plans and understanding: A computational approach to human reasoning*. New York: Addison-Wesley.

RESUMO

Analizamos a formação de sintomas, comparando a perspectiva de Freud com as teorias cognitivas. Para isto percorremos questões como, funções neuronais e processamento de informação, os afectos, processo primário e processo afectivo, recordações e evocação da informação, recalamento e inibição do acesso à informação, mecanismos de transformação dos afectos e atribuição de afectos. Concluimos que uma abordagem conjunta, psicanalítica e cognitiva, permite um melhor entendimento sobre a formação de sintomas.

Palavras-chave: Formação de sintomas, psicanálise, teorias cognitivas.

ABSTRACT

In this paper we analyse the symptoms formation, comparing the Freud point of view with cognitive theories. We focalise neuronal functions and information processing, affects, memories and evocation of information, repression and inhibition to the information access, affects transformations mechanisms and affects attributions. We underline the importance of the two perspectives, psychoanalytic and cognitive, to promote a better understanding of the symptoms formation.

Key words: Symptoms formation, psychoanalysis, cognitive theories.